

Quem tem cu tem medo

→ **Classificação:** Conto

→ **Assunto:** Os cães de uma aldeia decidem ir à festa dos homens e, para não terem medo, deixam cada um o seu rabo debaixo da ponte. À volta, trocam os rabos, ficando destinados a cheirar-se uns aos outros à procura do seu.

→ **Região:**

- **Distrito:** Viseu
- **Concelho:** São Pedro do Sul
- **Localidade:** Manhouce

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Mestre Silva
- **Data de nascimento:** 1922
- **Residência:** Manhouce

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Apresentação pública – Estória estória (Associação Criar raízes)
- **Data de Recolha:** 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:05:44

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Outubro 2011
- **Palavras:** 765

Quem tem cu tem medo

Vou contar outro conto que é aqui... O Vilarinho do Monte. Aqui conhecem muito bem o Vilarinho do Monte as pessoas, não conhecem? Está aqui alguma pessoa daqui... Aquele senhor? Ah! O Vilarinho do Monte fica aqui logo... é logo a seguir à Coelheira. E... e então, faz lá... Lá há uma capela que tem o São José e a Santa Maria. E faz uma grande festa – de Verão, no primeiro Domingo de Agosto! Faz uma grande festa ali! E os... os habitantes gostam que os familiares vão a casa deles naquele dia, porque cada casa mata duas cabras ou três cabras e botam ao forno, fazem... fazem umas comezanas para aquele dia, que é medonho! E vai muita gente lá comer.

E os cães em Manhouce começaram a ver que estavam a ficar sozinhos, porque as pessoas foram todas para a festa, para Vilarinho! E os cães ficaram sozinhos e disseram assim:

- Pois é... Eles foram para lá, comer a cabra... - os cães, a conversar uns com os outros! No tempo... em que eles se entendiam.

E então:

- Eles pois, foram lá. Agora... mataram-se muitas cabras... Se a gente também fosse?

E diz um assim:

- Pois é. Mas a gente... a gente vai e os homens embebedam-se e depois... e atiram-nos com o pau... -que eles, cada homem que ia à festa naquele tempo, levava um pau. Era essa, era esse o... Era um cajadinho, ia sempre com ele.

E então... E então eles foram e os cães estavam a fazer... estavam na reunião, a ver como é que haviam de ir à festa sem ter medo. E uns queriam ir! E outros diziam assim:

- Eu não vou, que eu tenho medo.

- Ó! Tu tens... Tu tens... Tu tens é medo! Olha, quem tem cu tem medo!

E diz-lhe o outro assim:

- Ah, mas então o medo está aí, está no cu?

Diz ele assim:

- Está! Está. Quem tem cu, tem medo. E vocês vão ficar e a gente vai.

- Mas como é que “a gente vai”? Tu também levas o teu, o teu cuzinho... -diz ele assim.

- Ah, mas é que nós...

Diz o outro assim, o mais velho:

-Olha, resolvemos todos! A gente em Malfeitoso passa o Rio Cabeçadas e tem uma ponte grande. A gente deixa os cus todos debaixo da ponte! Deixa ficar lá os cuzinhos todos.

Diz o outro assim:

- E tu dizes bem! E a gente vai e já não tem medo!

- Pois não! Pois não.

Pronto. Foram para a festa, deixaram lá os cus todos. Mas eram muitos cães! Era um monte deles, de cuzinhos, que era... eram muitos ali, muitos. E foram para a festa! Já cabriolavam, já brincavam!... Foi tudo para a festa! Comeram as tripas das cabras, comeram os ossos... Encheram a barriga! As pessoas também chegaram ao arraial, começaram a cantar, começaram a dançar... Uns... Implicaram lá uns com os outros –

armaram uma zaragata. Armaram uma zaragata e tudo ergueu os paus: deram com os paus. Os cães, que estavam longe, vieram assim:

- E lá estão eles... E lá estão eles lá com a zaragata... Olha os paus!

E assim:

- Mas para onde é que a gente agora foge? A gente tem que passar lá no arraial...

- Eu vou já passar!

Foi e passou! Passou e apanhou com um pau no lombo – ui!

- Ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai! -vsss! Mas corria que desaparecia!

Depois veio outro, também apanhou outra lambada – pimba!

E outro:

- Ai, ai!

Veio outro:

- Ai, ai, ai!

E saíram todos, uns atrás dos outros. Mas aquilo... corriam a fugir, a ver aquele que chegava mais depressa a casa! Chegaram à ponte, não estiveram para perder tempo: agarraram num, meteram debaixo do rabinho e pumba, foi tudo embora. Pronto.

Chegaram a casa... foi uma tragédia! Estavam os cuzinhos todos trocados! Estava tudo trocado. Pois, o que é que ele diz?

- E agora, como é que nós vamos fazer? -estava tudo trocado...

Depois chegavam uns ao pé dos outros... Ao outro dia, quando chegaram uns ao pé dos outros, iam logo cheirar no cu daquele... e era para ver se aquele cuzinho é o dele... Não era. O outro, ia... Veio outro cão, ia cheirar no cuzinho dele: era aquele. Ganharam o hábito, pronto. Procuram sempre: até hoje ficou tudo trocado, não

encontraram mais! Eles bem chegam ao pé dos outros! Quando chegam: cheirinho no rabo, mas o cuzinho é que não é o deles!

Mestre Silva, Manhouce, S. Pedro do Sul, 2007